

Aula 20 – Variação Morfossintática no PB: Estratégias de Relativização e Ordem

Você já parou para pensar que a língua que falamos no dia a dia é muito mais rica e complexa do que as regras gramaticais que aprendemos na escola? Ela não é uma entidade estática, presa em livros antigos, mas um organismo vivo, que se adapta, se transforma e reflete quem somos, onde vivemos e como nos comunicamos. Entender essa dinâmica é como ganhar um novo par de óculos para enxergar o mundo ao seu redor.

Nesta aula, vamos mergulhar nas profundezas da **variação morfossintática** do Português Brasileiro (PB), explorando como a estrutura das frases e a ordem das palavras podem mudar, não por "erro", mas por escolhas comunicativas e sociais. Prepare-se para desmistificar conceitos e perceber que a "norma" é apenas uma das muitas formas de expressão válidas.


Ao final desta jornada, você será capaz de identificar e analisar diferentes estratégias de relativização, como o uso do pronome "que" e as chamadas estratégias de "cópia". Também compreenderá as variações na ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) e o papel da topicalização e da clivagem como recursos discursivos poderosos. Mais do que isso, você desenvolverá uma visão crítica sobre o preconceito linguístico, conectando a variação a questões de identidade e discriminação.

Esta aula é um convite para expandir seu conhecimento sobre a língua portuguesa, não apenas para cumprir horas complementares ou se preparar para concursos, mas para se tornar um observador mais atento e um comunicador mais consciente. Vamos conectar o que você já sabe sobre a estrutura da frase com as fascinantes descobertas da sociolinguística contemporânea.

A Língua em Movimento: Por Que Ela Não Para Quieta?

Imagine a língua portuguesa não como um monumento de pedra, imutável e intocável, mas como um rio caudaloso. Suas águas estão sempre em movimento, moldando as margens, criando novos leitos e carregando consigo os sedimentos de cada época e de cada comunidade. Essa imagem nos ajuda a entender que a língua é, por natureza, dinâmica e sujeita a constantes transformações.

Essa perspectiva é fundamental para a sociolinguística, que nos convida a olhar para a linguagem não apenas sob a ótica da gramática normativa, mas como um espelho das interações humanas. Quando falamos em **variação linguística**, estamos nos referindo às diferentes formas de dizer a mesma coisa, que coexistem dentro de uma mesma comunidade de fala. Essas variações não são aleatórias; elas são sistemáticas e carregam significados sociais profundos.

 **Reflexão:** O desafio é ir além da ideia de "certo" ou "errado" e começar a perguntar: "Por que as pessoas falam assim?" e "O que essa forma de falar revela sobre elas e sobre o contexto?"

Essa curiosidade é o ponto de partida para desvendar os mistérios da variação morfossintática, que afeta diretamente a estrutura das nossas frases.

Afinal, se a língua é um rio, como as suas águas se comportam quando precisamos conectar ideias ou dar destaque a certas informações? É exatamente isso que vamos explorar ao analisar as estratégias de relativização e a ordem das palavras no Português Brasileiro.

O "Que" de Cada Um: Relativização e Suas Faces

No nosso dia a dia, estamos constantemente conectando ideias, descrevendo pessoas ou objetos e adicionando informações a eles. Para isso, usamos um recurso linguístico essencial: a **relativização**. A forma mais comum de fazer isso em português é através do pronome relativo "que", como em "O livro *que* eu li era fascinante". Ele funciona como uma ponte, ligando uma oração principal a uma oração subordinada que traz mais detalhes sobre um termo da primeira.

Relativização Padrão

"O livro **que** eu li"

Estratégias Alternativas

Formas não-padrão, mas funcionais

Contexto Informal

Fala espontânea e comunicação cotidiana

No entanto, a língua falada, especialmente em contextos informais, revela que essa ponte nem sempre é construída da mesma maneira. Embora o "que" seja o campeão de uso, o Português Brasileiro desenvolveu outras estratégias, que, embora não sejam aceitas pela gramática normativa, são extremamente comuns e funcionais na comunicação espontânea.

Pense na relativização como a necessidade de apresentar um amigo a um grupo. Você pode dizer "Este é o João, *que* trabalha comigo" (usando o "que" como ponte). Mas e se você dissesse "Este é o João, *eu trabalho com ele*"? A segunda frase, embora não use o pronome relativo tradicional, ainda cumpre a função de identificar o João e dar uma informação sobre ele.

Essa flexibilidade da língua é um dos pontos mais fascinantes da sociolinguística. Ela nos mostra que a comunicação eficaz nem sempre segue as regras mais rígidas, e que a língua se adapta às necessidades dos falantes de maneiras criativas e eficientes.

A Estratégia da "Cópia": Um Olhar Sociolinguístico

Agora, vamos nos aprofundar em uma dessas estratégias alternativas de relativização que mencionei: a chamada **estratégia de "cópia"** ou **relativização com pronome anafórico**. Em vez de simplesmente usar o pronome relativo "que" para retomar um termo, o falante insere um pronome pessoal ou oblíquo na oração subordinada, "copiando" o referente.

Exemplo 1

Forma padrão: "O homem que eu vi na rua"

Com cópia: "O homem que eu vi **ele** na rua"

Exemplo 2

Forma padrão: "A menina que eu falei"

Com cópia: "A menina que eu falei **com ela**"

Por exemplo, em vez de dizer "O homem *que* eu vi na rua era meu vizinho", é muito comum ouvir no Português Brasileiro: "O homem *que* eu vi **ele** na rua era meu vizinho". Percebeu o "ele" ali? Ele é a "cópia" do "homem", reforçando a referência. Outro exemplo clássico é "A menina *que* eu falei **com ela** ontem".

Essa construção, embora frequentemente estigmatizada como "erro" ou "linguagem inculta", é uma característica robusta e sistemática da fala espontânea em diversas variedades do PB. Ela não é aleatória; cumpre uma função de clareza e, para muitos falantes, soa mais natural e enfática. Para o estudante universitário e o candidato a concurso, entender isso é crucial para ir além da mera memorização de regras e compreender a língua em sua plenitude.

Conexão com Preconceito Linguístico

O que a gramática normativa classifica como "errado" é, na verdade, uma variação legítima e funcional para milhões de brasileiros. Julgar essa construção como inferior é um reflexo de um preconceito social que se manifesta através da linguagem, muitas vezes associando-a a grupos sociais menos prestigiados. É um lembrete de que a língua não é neutra, mas um campo de disputas e valorações.

Desvendando a Ordem das Palavras: SVO e Além

Se a relativização nos mostra como conectamos ideias, a **ordem das palavras** nos revela como organizamos a informação dentro de uma frase. Em português, a ordem considerada "básica" ou "neutra" é a **Sujeito-Verbo-Objeto (SVO)**. Por exemplo: "O aluno (S) estudou (V) a matéria (O)". Essa estrutura é a mais comum e a que geralmente aprendemos primeiro.

01

Sujeito

Quem realiza a ação

02

Verbo

A ação realizada

03

Objeto

Sobre quem/o que recai a ação

No entanto, assim como um chef de cozinha não usa apenas uma receita para todos os pratos, os falantes de português não se limitam rigidamente à ordem SVO. A língua oferece uma flexibilidade surpreendente para rearranjar os elementos da frase, e essas variações não são meros caprichos. Elas servem a propósitos comunicativos muito específicos, como dar ênfase, criar suspense ou ajustar o fluxo da informação.

Pense na ordem SVO como a pista principal de uma rodovia. É a rota mais direta e comum. Mas e se você precisar pegar um desvio para chegar a um lugar específico, ou se quiser apreciar uma vista panorâmica? Você muda de pista, certo? Na linguagem, mudar a ordem das palavras é como fazer esses desvios intencionais.

Essas variações são especialmente evidentes na fala espontânea e em textos que buscam um efeito estilístico particular. Compreender quando e por que essas mudanças ocorrem é essencial para analisar a língua de forma mais profunda e para se comunicar de maneira mais eficaz e consciente.

Por Que Mudar a Ordem? Foco e Ênfase

A flexibilidade na ordem das palavras não é um sinal de desorganização, mas sim de riqueza expressiva. Quando um falante decide alterar a sequência SVO, ele geralmente o faz com uma intenção clara: **dar foco ou ênfase** a um determinado elemento da frase. É como acender um holofote sobre a parte da informação que ele considera mais importante ou que deseja que o ouvinte preste mais atenção.

Ordem Neutra (SVO)

"Eu comprei o livro"

Informação apresentada de forma equilibrada, sem destaque especial.


Ordem Alterada (OSV)

"**O livro**, eu comprei"

O objeto é deslocado para dar ênfase: foi *o livro* (e não outra coisa) que foi comprado.

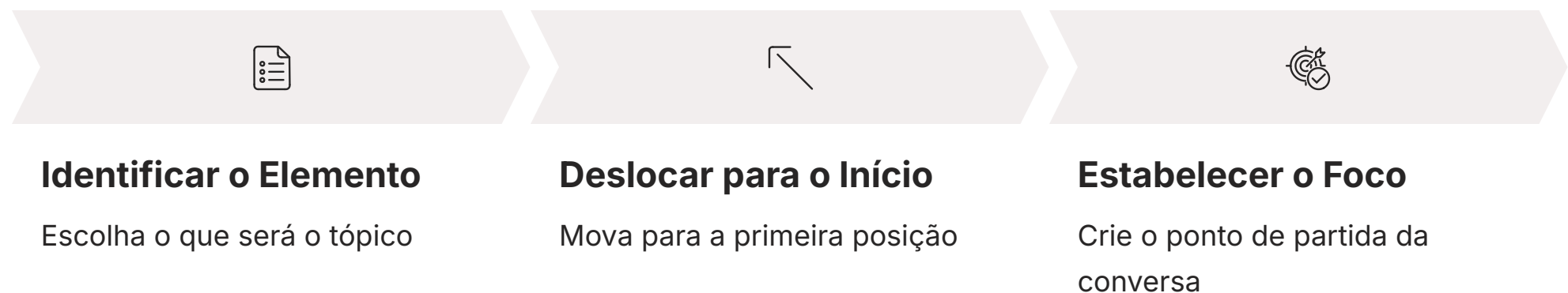
Considere a frase "Eu comprei o livro". A ordem é SVO, e a informação é apresentada de forma neutra. Mas e se eu disser "O livro, eu comprei"? Aqui, o objeto "o livro" foi deslocado para o início da frase. Por que faríamos isso? Talvez porque o livro já tenha sido mencionado antes, ou porque quero enfatizar que foi *o livro* (e não outra coisa) que eu comprei.

Essa alteração na ordem serve para gerenciar o fluxo de informação, distinguindo o que é "dado" (já conhecido) do que é "novo" (informação principal). É uma ferramenta poderosa para guiar a atenção do interlocutor e construir o sentido de maneira mais dinâmica.

 **Aplicação Prática:** Para quem busca aprimorar a comunicação, seja em apresentações acadêmicas ou na redação de documentos, dominar essa capacidade de manipular a ordem das palavras para criar diferentes efeitos é uma habilidade valiosa. Ela permite que você não apenas transmita uma mensagem, mas que a transmita com a nuance e o impacto desejados.

Topicalização: Colocando o Assunto em Destaque

Uma das estratégias mais comuns para alterar a ordem SVO e dar destaque a um elemento é a **topicalização**. Como o próprio nome sugere, ela consiste em trazer um constituinte da frase (geralmente o objeto ou um adjunto adverbial) para a posição inicial, transformando-o no **tópico** da oração, ou seja, no assunto sobre o qual se vai falar.



Imagine que você está organizando uma lista de tarefas. Você pode simplesmente listar tudo na ordem que vier à cabeça. Mas se há uma tarefa *muito* importante, você a coloca no topo da lista, certo? A topicalização funciona de forma semelhante: ela pega um elemento que estaria em outra posição e o "sobe" para o início da frase para sinalizar que "é sobre isso que vamos falar agora".

Exemplo 1

"**Esse filme**, eu já vi.

Ordem neutra: "Eu já vi esse filme."

Exemplo 2

"**Naquela época**, a vida era mais simples.

O adjunto temporal é topicalizado para situar a declaração.

Um exemplo clássico é: "Esse filme, eu já vi." A ordem neutra seria "Eu já vi esse filme." Ao topicalizar "Esse filme", o falante o estabelece como o ponto de partida da conversa, o foco da sua declaração. Outro exemplo: "Naquela época, a vida era mais simples." O adjunto adverbial "Naquela época" é topicalizado para situar a declaração temporalmente.

A topicalização é um recurso discursivo riquíssimo, presente em todas as variedades do português. Ela nos ajuda a entender como os falantes organizam suas ideias e direcionam a atenção do ouvinte, sendo fundamental para a coesão e coerência do texto e da fala.

Clivagem: Separando para Enfatizar

Se a topicalização coloca o assunto em destaque, a **clivagem** vai um passo além: ela isola um elemento da frase para dar-lhe uma ênfase ainda maior, quase como um grifo sonoro. Essa estratégia é construída com a ajuda do verbo "ser" (ou "estar") e do pronome "que", formando estruturas como "**É que...**" ou "**Foi que...**".

Pense na clivagem como um holofote que se acende sobre um único ator no palco. Enquanto a topicalização pode ser como um foco mais amplo sobre o cenário, a clivagem aponta diretamente para aquele elemento específico, dizendo: "Preste atenção *neste aqui!*".

É uma forma de realçar uma informação, muitas vezes para corrigir uma suposição, responder a uma pergunta implícita ou simplesmente dar um peso extra.



Ênfase no Sujeito

"**Foi o João que** quebrou o vaso.

Foco: não foi outra pessoa, foi João.



Ênfase no Tempo

"**Foi ontem que** eu comprei o livro.

Foco: não foi outro dia, foi ontem.



Ênfase no Lugar

"**Foi aqui que** tudo começou.

Foco: não foi em outro lugar, foi aqui.

Por exemplo, em vez de "João quebrou o vaso", podemos dizer: "**Foi o João que** quebrou o vaso." Aqui, o foco está claramente em "João", talvez para indicar que não foi outra pessoa. Ou, "Eu comprei o livro ontem" pode virar "**Foi ontem que** eu comprei o livro", enfatizando o momento da compra.

A clivagem é um recurso poderoso na fala espontânea e na escrita que busca expressividade. Ela permite ao falante ou escritor manipular a estrutura da frase para guiar a interpretação do ouvinte/leitor, direcionando a atenção para o que é crucial na mensagem.

Topicalização vs. Clivagem: Qual a Diferença?

Tanto a topicalização quanto a clivagem são estratégias de **realce** e **ênfase**, mas operam de maneiras distintas e produzem efeitos ligeiramente diferentes. Entender essa distinção é crucial para uma análise linguística mais apurada e para aprimorar sua própria capacidade de comunicação.

Topicalização

Desloca um elemento para o início da frase, tornando-o o ponto de partida da informação. Ela estabelece o "tópico" sobre o qual se vai falar, mas sem uma carga de ênfase tão dramática.

É como dizer: "Falando em X, Y aconteceu."

Clivagem

É mais incisiva. Ela usa uma estrutura sintática específica ("é que", "foi que") para isolar e dar um destaque forte a um elemento, muitas vezes para contrastar, corrigir ou responder a uma pergunta.

*É como dizer: "Não foi Z, **foi X que** aconteceu."*

Comparação Prática

Tipo	Mecanismo	Exemplo
Frase neutra	Ordem SVO padrão	"Eu vi o filme ontem."
Topicalização	Deslocamento para o início	"O filme, eu vi ontem."
Clivagem (objeto)	Estrutura "ser + X + que"	"Foi o filme que eu vi ontem."
Clivagem (tempo)	Estrutura "ser + X + que"	"Foi ontem que eu vi o filme."

📌 **Importância para Análise:** Essa distinção é vital para quem precisa analisar textos ou discursos, seja em provas de concurso ou em estudos acadêmicos, pois permite identificar as intenções comunicativas subjacentes às escolhas sintáticas.

A Fala Espontânea: O Laboratório da Variação

Até agora, exploramos conceitos que podem parecer abstratos, mas eles ganham vida quando observamos a **fala espontânea**. A língua que usamos em conversas informais, em casa, com amigos ou no trabalho, é um verdadeiro laboratório onde a variação morfossintática se manifesta em sua plenitude. É nesse contexto que as estratégias de "cópia", as variações de SVO, a topicalização e a clivagem florescem naturalmente.



Contexto Familiar

Conversas em casa, com a família, onde a informalidade reina e as variações são mais frequentes.



Entre Amigos

Interações sociais descontraídas, onde a língua se adapta ao grupo e à situação.



Ambiente de Trabalho

Mesmo em contextos profissionais, a fala espontânea revela variações, especialmente em momentos informais.

A fala espontânea é como um jardim selvagem, cheio de espécies diversas e interações complexas, muito diferente do jardim formal e podado da gramática normativa. Nela, não há tempo para planejar cada palavra ou estrutura; as escolhas são feitas em tempo real, refletindo a necessidade de comunicação imediata, a emoção do momento e a relação com o interlocutor.

Analisar transcrições de conversas reais, por exemplo, nos permite ver como as pessoas usam "o homem que eu vi ele" sem hesitação, ou como alteram a ordem das palavras para dar ênfase sem sequer perceber. Essa observação empírica é a base da sociolinguística e nos ajuda a entender que a "norma" é apenas uma das muitas formas de expressão, e nem sempre a mais comum ou a mais eficiente em todos os contextos.

Sociolinguística e Tecnologia

Com o avanço da tecnologia, temos hoje acesso a um volume imenso de dados de fala espontânea através das redes sociais, aplicativos de mensagens e fóruns online. Essa comunicação digital cria novos padrões de variação e mudança linguística, oferecendo um campo de estudo riquíssimo para entender como a língua evolui em tempo real.

Variação Morfossintática e Identidade: A Terceira Onda

A sociolinguística, como um campo de estudo, também evolui. As **Abordagens da Terceira Onda** representam um avanço significativo, deslocando o foco de uma correlação estrita entre variação linguística e classes sociais para uma compreensão mais profunda de como a variação contribui para a **construção de identidades e estilos**.

Primeira Onda

Foco em grandes categorias sociais (classe, idade, gênero) e correlações estatísticas.

Segunda Onda

Atenção a comunidades de prática e redes sociais locais.

Terceira Onda

Variação como construção de identidade e estilo – as escolhas linguísticas como ferramentas de expressão pessoal.

Antes, a pesquisa tendia a associar certas formas de falar a grupos socioeconômicos específicos. Agora, entendemos que as escolhas linguísticas são muito mais complexas. Elas são ferramentas que usamos para sinalizar quem somos, a que grupo pertencemos (ou queremos pertencer), e até mesmo para criar uma persona ou um estilo particular.

Pense na sua própria forma de falar. Você usa as mesmas palavras e estruturas com seus amigos, com seus professores, em uma entrevista de emprego ou em um aplicativo de mensagens? Provavelmente não. Essas adaptações não são apenas sobre "adequação", mas sobre como você projeta sua identidade em diferentes contextos.

A variação morfossintática, como as estratégias de relativização ou a ordem das palavras, é parte integrante desse processo.

As escolhas que fazemos ao estruturar nossas frases podem, por exemplo, nos alinhar a um grupo jovem e descolado, a um ambiente acadêmico formal ou a uma comunidade mais tradicional. É como escolher a roupa certa para cada ocasião: a língua é um traje social que vestimos, e suas variações são os diferentes tecidos e cortes que usamos para expressar nossa individualidade e nossa conexão com os outros.

O Impacto da Tecnologia: Novas Variações Digitais

A comunicação digital transformou radicalmente a maneira como interagimos e, conseqüentemente, como a língua se manifesta. Redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas online não são apenas novos canais; eles são novos ecossistemas que fomentam o surgimento de **novos padrões de variação e mudança linguística**, inclusive no nível morfossintático.

Concisão e Velocidade

Uso intensivo de abreviações ("vc", "q", "tbm") para comunicação rápida.

Expressividade Visual

Emojis e figurinhas como elementos sintáticos que complementam ou substituem palavras.

Flexibilidade Sintática

Ordem das palavras ainda mais flexível, pontuação não convencional para transmitir emoção.

Novas Estruturas

Criação de construções frasais que seriam incomuns na fala face a face.

Nesses ambientes, a busca por concisão, velocidade e expressividade visual leva a fenômenos como o uso intensivo de abreviações ("vc", "q"), a incorporação de emojis e figurinhas como elementos sintáticos, e até mesmo a criação de novas estruturas frasais que seriam incomuns na fala face a face. A ordem das palavras pode ser ainda mais flexível, e a pontuação, muitas vezes, é usada de forma não convencional para transmitir emoção ou ironia.

Exemplo Prático

Imagine uma conversa no WhatsApp. Você provavelmente não escreve frases completas e gramaticalmente perfeitas o tempo todo. Você pode usar "chegou o livro?" em vez de "O livro chegou?". Ou "ele que fez" em vez de "Foi ele que fez". Essas escolhas são funcionais para o contexto digital, onde a informalidade e a rapidez são valorizadas.

Para o sociolinguista, e para qualquer pessoa interessada na evolução da língua, o ambiente digital é uma mina de ouro. Ele nos permite observar em tempo real como a língua se adapta, cria e recria suas formas, mostrando que a variação morfossintática é um processo contínuo e sempre influenciado pelas ferramentas e contextos de comunicação.

Preconceito Linguístico: O Lado Sombrio da Variação

Discutir variação morfossintática sem abordar o **preconceito linguístico** seria ignorar uma das dimensões mais cruéis e relevantes do estudo da linguagem. O trabalho de autores como Marcos Bagno e Stella Bortoni-Ricardo nos mostra que a desvalorização de certas formas de falar não é uma questão puramente gramatical, mas um reflexo de estruturas de discriminação social.



Estigmatização

Estratégias como a "cópia" são rotuladas como "erro grosseiro" ou "ignorância", desqualificando o falante.



Exclusão Social

A forma de falar pode ser um obstáculo em processos seletivos, na escola ou em interações cotidianas.



Impacto na Autoestima

Afeta diretamente a autoestima, as oportunidades e a inclusão social de milhões de pessoas.



Ciclo Vicioso

A imposição da variedade padrão como única forma "correta" cria um ciclo de exclusão.

Quando uma estratégia como a "cópia" na relativização ("o homem que eu vi ele") é rotulada como "erro grosseiro" ou "ignorância", não se está apenas corrigindo uma gramática; está-se, muitas vezes, desqualificando o falante, associando sua forma de expressão a uma suposta falta de educação ou inteligência. Isso afeta diretamente a autoestima, as oportunidades e a inclusão social de milhões de pessoas.

O preconceito linguístico se manifesta quando a variedade padrão (geralmente a da elite escolarizada) é imposta como a única forma "correta" e as demais variedades são vistas como inferiores. Isso cria um ciclo vicioso de exclusão, onde a forma de falar de um indivíduo pode ser um obstáculo em processos seletivos, na escola ou mesmo em interações cotidianas.

- Reflexão Crítica:** Entender a variação morfossintática, portanto, é também um ato de cidadania. É reconhecer que todas as formas de expressão são válidas em seus contextos e que a riqueza da língua está justamente em sua diversidade. É um convite a combater a intolerância e a promover uma visão mais inclusiva e respeitosa da linguagem e de seus falantes.

Desafios e Reflexões: Ser um Observador Atento

Chegamos a um ponto crucial de nossa jornada: a reflexão sobre o papel que cada um de nós desempenha diante da variação linguística. O desafio não é memorizar todas as formas possíveis de relativização ou de ordem das palavras, mas desenvolver um olhar crítico e uma escuta atenta para a língua em uso.

Ir Além da Superfície

Não se limite às regras prescritivas. Busque entender as intenções e contextos por trás das escolhas linguísticas.

Questionar Valorações

Pergunte-se por que certas formas são valorizadas e outras estigmatizadas. Reconheça o papel do preconceito social.

Observar a Língua em Ação

Preste atenção à fala espontânea ao seu redor, nas redes sociais, na TV. Identifique as variações morfossintáticas.

Aplicar o Conhecimento

Use essa compreensão para aprimorar sua comunicação e para promover um ambiente mais justo e inclusivo.

Ser um observador atento significa ir além da superfície das palavras e das regras prescritivas. É como ser um detetive da linguagem, buscando pistas nas escolhas morfossintáticas dos falantes para entender suas intenções, seus contextos sociais e as identidades que constroem.

A sociolinguística nos oferece as ferramentas para essa investigação. Ela nos ensina que a língua é um sistema complexo, onde a forma e o sentido estão intrinsecamente ligados às pessoas que a usam e aos ambientes em que ela é produzida. Não se trata de abandonar a norma padrão, mas de compreendê-la como uma entre muitas variedades, com suas próprias funções e prestígios.

Ao aplicar esses conceitos em sua vida profissional e acadêmica, você não só aprimorará sua capacidade de análise e comunicação, mas também contribuirá para um ambiente mais justo e inclusivo. A língua é uma ferramenta poderosa, e entender sua variação é o primeiro passo para usá-la com sabedoria e respeito.

Consolidação e Próximos Passos

Nesta aula, desvendamos a fascinante tapeçaria da **variação morfossintática no Português Brasileiro**. Exploramos as diferentes estratégias de **relativização**, desde o uso canônico do "que" até as estratégias de "cópia" que, embora estigmatizadas, são funcionais e sistemáticas na fala espontânea. Mergulhamos na flexibilidade da **ordem das palavras**, compreendendo como a **topicalização** e a **clivagem** são recursos discursivos poderosos para dar foco e ênfase, indo além da ordem SVO. Conectamos esses fenômenos à **Terceira Onda da Sociolinguística**, que vê a variação como construtora de identidades, ao impacto da **tecnologia** na criação de novos padrões linguísticos e, crucialmente, ao **preconceito linguístico**, que desvaloriza formas legítimas de expressão.

Relativização

Estratégias padrão e de "cópia" para conectar ideias

Ordem das Palavras

SVO, topicalização e clivagem para foco e ênfase

Identidade

Variação como construção de estilos e personas

Tecnologia

Novos padrões na comunicação digital

Preconceito

Combate à discriminação linguística

Em Prática

Aplice esses conhecimentos observando a fala ao seu redor – em conversas, na TV, nas redes sociais. Identifique as variações, questione os julgamentos e perceba como as escolhas sintáticas moldam a mensagem e a identidade. Use essa compreensão para aprimorar sua própria comunicação, adaptando-a aos diferentes contextos, e para combater o preconceito.

Autoavaliação

- Qual das frases abaixo exemplifica a estratégia de relativização com "cópia" no Português Brasileiro?
 - O livro que eu li é interessante.
 - A pessoa que me ligou era minha mãe.
 - O filme que eu assisti ele ontem era bom.
 - Aquela é a casa que compramos.
- A principal diferença entre topicalização e clivagem é que:
 - A topicalização usa "é que", enquanto a clivagem desloca o elemento para o início.
 - A clivagem enfatiza o sujeito, e a topicalização enfatiza o objeto.
 - A topicalização desloca um elemento para o início para torná-lo tópico, e a clivagem usa uma estrutura "ser + X + que" para dar ênfase específica.
 - Ambas são a mesma estratégia, apenas com nomes diferentes.
- A ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO) no PB é considerada a ordem neutra. As variações dessa ordem, como "O livro, eu li", servem principalmente para:
 - Indicar um erro gramatical do falante.
 - Criar um efeito de ênfase ou foco em um elemento da frase.
 - Simplificar a estrutura da frase para falantes menos escolarizados.
 - Apenas para fins poéticos e literários.
- As Abordagens da Terceira Onda da Sociolinguística, mencionadas na aula, focam principalmente em:
 - Correlacionar estritamente a variação linguística com classes sociais.
 - Analisar como a variação linguística constrói identidades e estilos.
 - Estabelecer uma única norma padrão para todas as variedades do português.
 - Estudar apenas a variação fonológica, ignorando a morfossintática.
- Em suas próprias palavras, explique como a compreensão da variação morfossintática pode contribuir para o combate ao preconceito linguístico. (Esperado: 3-5 linhas)

Gabarito

1

Resposta: c)

"O filme que eu assisti **ele** ontem era bom" exemplifica a estratégia de "cópia", onde o pronome "ele" retoma "o filme".

2

Resposta: c)

A topicalização desloca um elemento para o início para torná-lo tópico, enquanto a clivagem usa uma estrutura "ser + X + que" para dar ênfase específica.

3

Resposta: b)

As variações da ordem SVO servem principalmente para criar um efeito de ênfase ou foco em um elemento da frase.

4

Resposta: b)

As Abordagens da Terceira Onda focam em analisar como a variação linguística constrói identidades e estilos.

Questão 5 - Resposta Esperada:

- A compreensão da variação morfossintática nos permite reconhecer que diferentes formas de estruturar frases (como a relativização com cópia ou variações na ordem SVO) não são "erros", mas estratégias legítimas e funcionais em diversos contextos de fala. Ao entender que a língua é dinâmica e que a "norma" é apenas uma das muitas variedades, podemos desconstruir a ideia de que certas formas de falar são inferiores, combatendo a estigmatização de falantes e promovendo uma visão mais inclusiva e respeitosa da diversidade linguística.

Próxima Aula e Recursos Adicionais



Próxima Aula

Aula 21: Variação Lexical no Brasil

Continuaremos nossa exploração da riqueza da língua portuguesa, focando na variação lexical. Veremos como as palavras que escolhemos também variam regionalmente, socialmente e contextualmente, e como isso se conecta com a identidade e a cultura.

Recursos Adicionais

BAGNO, Marcos

Preconceito Linguístico: Como é, como se faz.

Leitura essencial para aprofundar o debate sobre preconceito linguístico.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris


Educação em Língua Materna: A sociolinguística na sala de aula.

Oferece perspectivas pedagógicas sobre a variação linguística.

Corpus Linguísticos Online

Exemplo: **C-ORAL-BRASIL**

Para explorar exemplos reais de fala espontânea e observar a variação em ação.

 **NOTA IMPORTANTE:** As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.